

AMPLIANDO PRÁTICAS EM AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

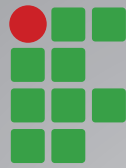
**ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS PARA LEITURA
DIALÓGICA DE IMAGENS A PARTIR DA
PERSPECTIVA BAKHTINIANA**



**ANA PAULA DA SILVA GOMES
VANILDO STIEG**

ISBN: 978-65-00-18364-1 (E-book)

AMPLIANDO PRÁTICAS EM AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA



INSTITUTO FEDERAL
ESPÍRITO SANTO
Campus Vitória



PROFLETRAS

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS PARA LEITURA DIALÓGICA DE IMAGENS A PARTIR DA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

1ª edição

Vitória - ES
2020

ANA PAULA DA SILVA GOMES
VANILDO STIEG



G633o Gomes, Ana Paula da Silva.

Orientações pedagógicas para leitura dialógica de imagens a partir da perspectiva Bakhtiniana / Ana Paula da Silva Gomes, Vanildo Stieg. – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2020.

42 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-65-00-18364-1 (E-book)

1. Bakhtin, M. M. \$q (Mikhail Mikhailovitch), 1895-1975 – Crítica e interpretação. 2. Leitura -- Estudo e ensino. 3. Escrita – Estudo e ensino. 4. Educação – Imagem – Leitura. 5. Imagens na educação – Estudo e ensino. 6. Língua portuguesa -- Estudo e ensino. I. Stieg, Vanildo. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 372.4

Elaborada por Marcileia Seibert de Barcellos – CRB-6/ES - 656



**PROGRAMA DE MESTRADO
PROFISSIONAL EM LETRAS**

PROFLETRAS

Instituto Federal do Espírito Santo - IFES -
Campus Vitória
Av. Vitória, 1729 – Jucutuquara - Vitória - ES
CEP: 29040-780

COMISSÃO CIENTÍFICA

Professora Doutora Letícia Queiroz - IFES
Professora Doutora Regina Godinho de Alcântara - UFES
Professor Doutor Luciano Novaes Vidon - UFES

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Aline Antonio

PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO

Programa PROFLETRAS / IFES

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

JADIR JOSÉ PELA
Reitor

ANDRE ROMERO DA SILVA
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

RENATO TANNURE ROTTA DE ALMEIDA
Pró-Reitor de Extensão e Produção

ADRIANA PIONTTKOVSKY BARCELLOS
Pró-Reitora de Ensino

LEZI JOSÉ FERREIRA
Pró-Reitor de Administração e Orçamento

LUCIANO DE OLIVEIRA TOLEDO
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

IFES – CAMPUS VITÓRIA

HUDSON LUIZ COGO
Diretor Geral

MÁRCIO ALMEIDA CÓ
Diretor de Ensino

CHRISTIAN MARIANI LUCAS DOS SANTOS
Diretor de Extensão

ROSENI DA COSTA SILVA PRATTI
Diretora de Administração

MÁRCIA REGINA PEREIRA LIMA
Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação

LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO
Coordenadora do Profletras





ILUSTRAÇÕES

As imagens aproveitadas neste material foram retiradas do acesso público Google. Em respeito a seus autores, citamos os links para as fontes dos textos ou imagens, pois nossa finalidade, com essa publicação, é tão somente educativa.

SOBRE OS AUTORES

Vanildo Stieg

Professor, pesquisador e escritor. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo/ UFES (2012). Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo /UFES. Membro do Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEBAKH/PPGEL). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em processos de apropriação de Língua Portuguesa (GEPALP/UFES/CE/CNPq). Possui vivência em todos os níveis da Educação Escolar (Infantil, Fundamental e Médio) e Ensino Superior (graduação e pós-graduação), bem como em espaços não escolares. Vivência como coordenador pedagógico em escolas públicas de Linhares/ES e como coordenador pedagógico geral na rede de ensino público municipal. Formador de professores alfabetizadores pelo PNAIC/MEC/NEPALES/UFES (2013-2016) no Espírito Santo e professor do programa de mestrado profissional PROFLETRAS/ IFES Vitória.



Ana Paula da Silva Gomes

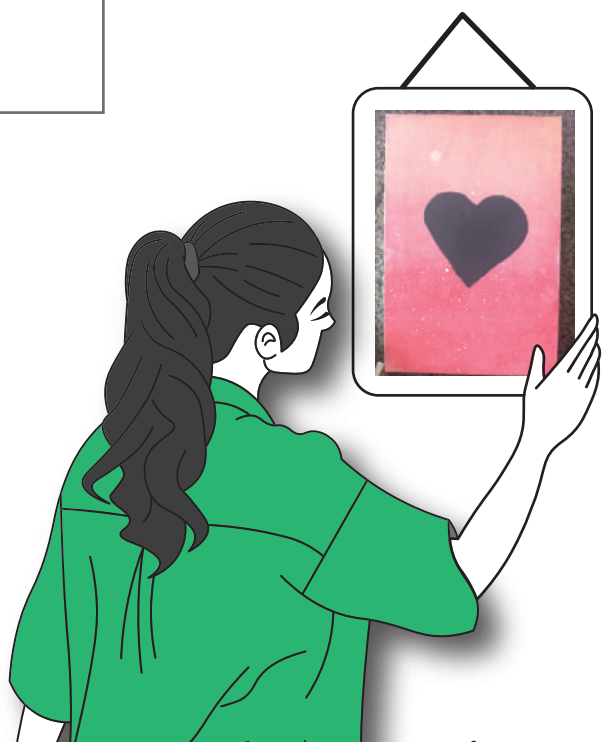
Professora da Rede Estadual do Rio de Janeiro desde 2008, no município de Itaperuna, RJ em que atua nas séries finais do ensino fundamental II. Mestranda pelo programa de Mestrado Profissional- PROFLETRAS/ Vitória/ ES. Graduada em Letras Português/Letras na Unigranrio, pós graduada em Gestão Pedagógica na Unigranrio e bacharel em Fonoaudiologia pelo Centro Universitário Redentor.

AOS LEITORES

Caro professor, o produto educacional que aqui apresentamos faz parte das aulas práticas já executadas em uma escola pública em um município do Rio de Janeiro, na disciplina de Língua Portuguesa e Produção Textual.

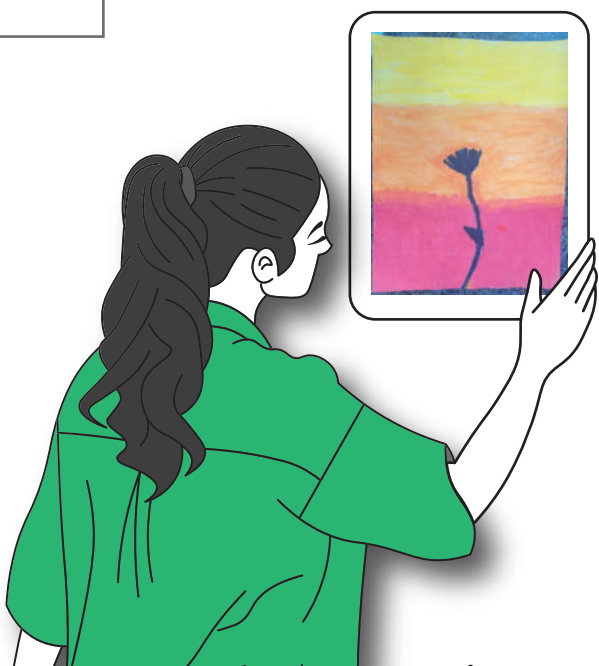
Ressaltamos que parte das práticas apresentadas nesse produto constituíram a pesquisa de dissertação intitulada “Leitura dialógica de imagem: sob perspectiva bakhtiana” vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras– Profletras.

Atenciosamente, Autores



SUMÁRIO

1. NOSSA TRAJETÓRIA.	07
2. PERSPECTIVA TEÓRICO- METODOLÓGICO.	08
2.1. PERSPECTIVA TEÓRICO- METODOLÓGICO.	08
3. DISCUTINDO CONCEPÇÕES DE LEITURA	13
4. DA TEORIA A PRÁTICA.	15
5. PROPOSTAS DIALÓGICAS	20
5.1. Proposta Dialógica 1.	21
5.2. Proposta Dialógica 2	26
5.3. Proposta Dialógica 3	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.	40



1. NOSSA TRAJETÓRIA

Sou a professora Ana Paula
Vamos fazer um percurso dialógico juntos,
mas antes vou falar um pouco de mim.
Penso que assim, poderemos ajudar você
a entender nossa intencionalidade nesse
caderno.



Sou professora de Língua Portuguesa da Educação Básica atuando na rede estadual do Rio de Janeiro há 11 anos.

Não têm sido fácil para muitos professores lidarem com alunos de 11 a 15 anos, muitos com defasagem de série e idade, outros sem apoio familiar, e também oriundos de um ensino fundamental I com muita dificuldade de aprendizagem entre outros problemas.

É comum professores receberem no 6º ano do ensino fundamental II alguns alunos que não possuem habilidades e competências fundamentais para aula de Língua Portuguesa, sem fluência em leitura, com problemas ortográficos, sintático, prosódico com prejuízo na compreensão em leitura.

Esse manual foi pensado a partir dessas inquietações que, nós, professores vivenciamos na disciplina de Língua Portuguesa.

Várias reflexões poderíamos fazer a cerca de justificar todo déficit educacional desses alunos, muitas vezes culpando os professores das séries anteriores, a escola, a família, a ausência dos pais, falta de remuneração justa dos professores, mas precisamos enxergar o aluno, um ser humano que vem com toda sua história de vida, seus valores, seu conhecimento, e para isso é preciso repensar na nossa prática que não se adéqua mais a toda essa realidade.

Na minha trajetória pelo mestrado acadêmico puder estudar melhor toda concepção a cerca da linguagem. Descobri a importância de nos posicionarmos primeiramente a respeito da língua/ linguagem.

Antes de falarmos sobre as concepções vamos apresentar o teórico que permeia todo esse trabalho.



2. PERSPECTIVA TEÓRICO- METODOLÓGICA

Olá, sou o Professor Vanildo Stieg. Vou apresentar a perspectiva teórico-metodológico que permeia as orientações em torno da proposta pedagógica que apresentamos nesse texto.



Mirror

Abordagem teórico-metodológica que sustenta as orientações contidas nesse caderno se pauta na matriz epistemológica Histórico-cultural, a partir do pensamento de Bakhtin e de seu Círculo, bem como de autores brasileiros que muito têm se debruçado em estudar tal perspectiva no campo da linguagem, educação e ensino da língua materna.

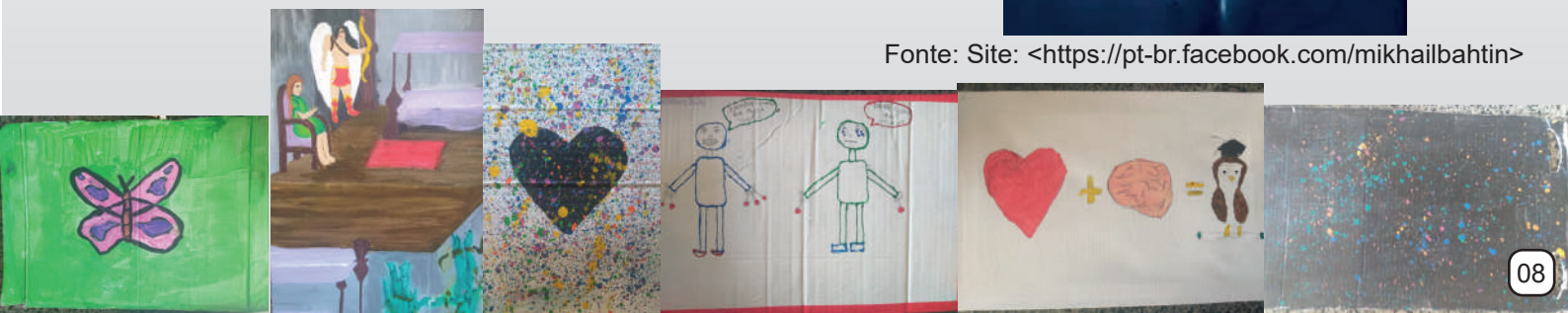
Tentar aproximar a teoria bakhtiniana ao contexto pedagógico do professor de língua portuguesa e sua prática é, primeiramente, ajudá-lo a entender que o pensamento bakhtiniano envolve muitos intelectuais, cientistas e artistas que entre as décadas de 20 e 30 dialogaram com realidades presentificadas em diversos espaços políticos, culturais e sociais, sob um regime autoritarista soviético (situando assim você leitor). Em seguida, consideramos significativo acenar, ao professor, a sua concepção de sujeito, de língua/linguagem e, por fim sua concepção de leitura. Esperamos que esse percurso possa ajudá-lo, ricamente.

2.1 BIOGRAFIA DE MIKHAIL M. BAKHTIN

Mikhail M. Bakhtin (1885-1975), nascido em Oriol, Rússia, é um dos pensadores mais expressivos na contemporaneidade, haja vista a recente penetração de sua obra no Ocidente, a partir da década de 1970. Este autor viveu na Rússia czarista a intensa revolução de 1917, os oito anos de governo do Estadista Vladimir Ilyich Ulyanov (Lênin), e todo o período de governo do Estadista Joseph Stálin, sofrendo, algumas vezes, sérias represálias, como acenam Clark e Holquist (2008).



Fonte: Site: <<https://pt-br.facebook.com/mikhailbahtin>>



Mikhail M. Bakhtin (1885-1975), nascido em Oriol, Rússia, é um dos pensadores mais expressivos na contemporaneidade, haja vista a recente penetração de sua obra no Ocidente, a partir da década de 1970. Este autor viveu na Rússia czarista a intensa revolução de 1917, os oito anos de governo do Estadista Vladimir Ilyich Ulyanov (Lênin), e todo o período de governo do Estadista Joseph Stálin, sofrendo, algumas vezes, sérias represálias, como acenam Clark e Holquist (2008).

Quando entramos nos textos produzidos por Bakhtin e seu Círculo levando em consideração o contexto político e ideológico (período de 1917 a 1960) da Rússia governada pelos dois estadistas mencionados, começamos a compreender que as produções desse grupo de pensadores foram desenvolvidas corajosamente diante das tensões presentificadas naquela época, em especial, no período stalinista. Por essa razão é possível, sob a nossa perspectiva, pensarmos que as opções dos temas para estudo tomadas por Bakhtin e seu Círculo tinham relação estreita com o contexto e/ou trânsito geográfico em que vivenciaram no período já citado.

A época vivida por Bakhtin e de seu Círculo havia uma séria inclinação da academia russa para pensar a vida, as instituições sociais, a política, a economia, etc, a partir das correntes epistemológicas idealistas e empiristas (MEDVIÉDEV, 2012). Bakhtin e seu Círculo irão questionar essa posição oficial. Por isso, destacamos, aqui, que não foi por qualquer razão que Bakhtin em um pequeno ensaio por ele esboçado entre o final dos anos 1930 e início dos anos 1940, denominado *Os fundamentos filosóficos das ciências sociais humanas*, (que mais tarde dará origem ao texto que se chamará *Metodologia das ciências humanas*, consistindo em um dos capítulos do livro *A estética da criação verbal* - obra póstuma), já expressava que “[...] o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (BAKHTIN, 2003, p. 395, grifo do autor). Desse modo, o autor informa que, para ele, é inconcebível que exista um eu interior absoluto (em nós) e um eu absoluto (fora de nós). O que há é um sujeito datado, concreto historicamente e que, mesmo ao interagir nas diferentes esferas da sociedade em que habita, não perde a sua singularidade e autoria.

Bakhtin, atuando como crítico literário, investigou romances, em especial aqueles produzidos por Dostoiévsky e desenvolveu importantes conceitos como dialogismo, polifonia, cronotopo e carnavalização, hoje amplamente empregados e estudados em todo o mundo.

No Brasil, a partir dos anos de 1990, sua obra tem sido investigada por diferentes grupos de pesquisa ligados à diferentes universidades, como a Universidade Estadual de Campinas, Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Paraná e Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal do Mato Grosso, Universidade Federal do Espírito Santo e Instituto Federal do Espírito Santo onde se encontram importantes núcleos que congregam profissionais de diversas áreas, refletindo o caráter interdisciplinar da obra bakhtiniana.



Outra questão significativa que pode favorecer os professores a melhor se relacionar com a perspectiva bakhtiniana e fortalecer suas práticas, está ligada à necessidade de compreensão acerca da concepção de linguagem em Bakhtin/Volochínov (2012). Entendemos que para chegarmos a tal compreensão é sempre bom retornarmos à obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL)*¹. Nela, sobretudo nos capítulos IV, V e VI, será discutido o percurso teórico realizado na direção de se defender a concepção de linguagem acolhida pela perspectiva bakhtiniana.

No capítulo IV de MFL, intitulado *Duas orientações do pensamento filosófolinguístico* ao questionar “o que é a linguagem?”; “O que é a palavra?”, não no sentido de formularem conceitos em tornos desses termos mas antes de tudo, de conquistarem o real objeto de sua pesquisa, delimitando suas fronteiras, tratando-o a partir de uma perspectiva filosófica, Bakhtin/Volochínov naquele, contexto histórico (anos 1920), apresentam as soluções que a filosofia da linguagem e os estudos da linguística geral já haviam criado, divulgado e assumido como verdades oficiais.

Segundo Bakhtin/Volochínov (2012, p. 74-92), na filosofia da linguagem e nas divisões metodológicas correspondentes da linguística geral, encontravam-se a presença de duas orientações principais, as quais consistiam em isolar e delimitar (fazer um recorte) tomando a linguagem como objeto de estudo específico¹¹. Bakhtin/Volochínov (2012) denominam a primeira orientação de *subjetivismo idealista*, representada por Wilhelm Humboldt, o qual estabeleceu seus fundamentos e a segunda orientação de *objetivismo abstrato*, representada pela escola de Genebra, com Ferdinand de Saussure, a qual mostrava-se como a mais brilhante expressão do *objetivismo abstrato* nos tempos de Bakhtin/Volochínov (2012)².

Enquanto para a primeira orientação, subjetivismo idealista, a língua constitui um fluxo ininterrupto de atos de fala, onde nada permanece estável, nada conserva sua identidade, pois o psiquismo individual constitui a fonte da língua (tendo como base as leis da psicologia individual), para a segunda orientação, objetivismo abstrato, a língua é um arco-íris imóvel que domina esse fluxo. Assim, para Saussure a língua é considerada como sistema de signos arbitrários e convencionais, essencialmente racionais. Segundo essa tendência, defendida pelo autor como o centro organizador de todos os fatos da língua, o que faz dela o objeto de uma ciência bem definida, situa-se, no sistema linguístico, a saber: o sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua. Desse modo, os Estudos Linguísticos deveriam se deter a estudar o código.

1. Usamos aqui a versão de MFL como um manifesto de homenagem a tal texto. Esse foi um dos primeiros textos traduzidos para a língua portuguesa de Bakhtin e seu Círculo e que alcançou os estudiosos da perspectiva bakhtiniana, no Brasil. Cabe ressaltar que no ano de 2017 foi lançado, pela Editora 34, um novo texto com nova tradução – contendo notas e glossário – pelas pesquisadoras Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. O texto intitula-se *Valentin Volóchinov (Círculo de Bakhtin). Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*.

2. MFL aponta uma brilhante exposição acerca das duas orientações acima citadas. Como não é nosso objetivo, neste texto, explorar as minúcias acenadas por esse texto acerca dessas orientações, não atentaremos a explorá-las, aqui.



A língua entendida e aceita nesses termos ao ser ensinada na escola e/ou entendida/legitimada pela sociedade moderna, “[...] a começar do nível mais elementar de relações com o poder, se constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder [...]” dos seus usuários (GNERRE, 1991). Diante do que pontua Gnerre (1991), perguntamos: e para que serve o arame farpado? Serve para ameaçar/ferir, conter a vida, impedir, bloquear, delimitar espaços de um mundo mais amplo daqueles que estão dentro, certamente, de uma ambiência cercada. Gnerre (1991), ao usar a metáfora da língua como arame farpado, faz-nos pensar que é imposto, por exemplo, aos usuários de sua própria língua a ideia de que já existe, a priori, um sistema linguístico já pronto e acabado, sugerindo-lhes que naturalizem essa concepção. Desse modo, aprender língua seria aprender código. Seguindo esse modo de pensar, está implícito que não há linguagem e um mundo para se fazer/construir/ampliar/transformar, mas tudo já está imposto. Nega-se a verdadeira natureza da linguagem e, por conseguinte, a verdadeira condição humana: a condição de inacabamento.

Desse modo, Bakhtin/Volochínov (2012) no V Capítulo de *MFL* intitulado *Língua, fala e enunciação* que:

enquanto uma forma linguística for apenas um sinal e for percebida pelo receptor somente como tal, ela não terá para ele nenhum valor linguístico. A pura "sinalidade" não existe, mesmo nas primeiras fases da aquisição da linguagem. Até mesmo ali, a forma é orientada pelo contexto, já constitui um signo, embora o componente de "sinalidade" e de identificação que lhe é correlata seja real. Assim, o elemento que torna a forma linguística um signo não é sua identidade como sinal, mas sua mobilidade específica; da mesma forma que aquilo que constitui a descodificação da forma linguística não é o reconhecimento do sinal, mas a compreensão da palavra no seu sentido particular, isto é, a apreensão da orientação que é conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos, uma orientação no sentido da evolução e não do imobilismo (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 97).

E continua o texto:

Assim, na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 98).

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012. p. 98-99 grifo do autor).



Assim, para Bakhtin/Volochínov, a orientação

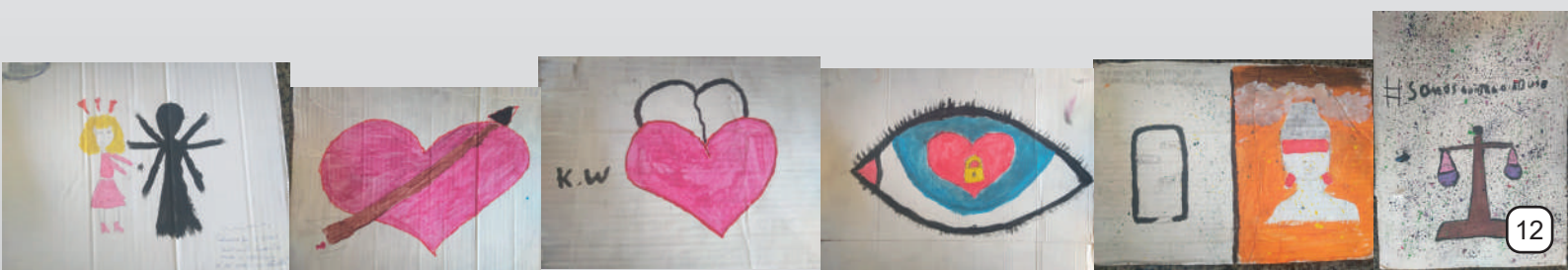
[...] da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p.117),

Pois

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra "diálogo" num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 127 grifo do autor).

Desse modo, em MFL, é defendida a concepção de que “[...] a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 128), por meio das interações verbais entre falantes de uma mesma língua.

Isto posto, colabora para que os professores entendam, também que tal perspectiva de língua e linguagem, se distancia daquelas orientações teóricas centradas na compreensão superficial de leitura, que trazem enfoque apenas nos elementos que compõe o código lingüístico, e desse modo chamando a atenção apenas para informações explícitas na materialidade textual verbal ou imagética.

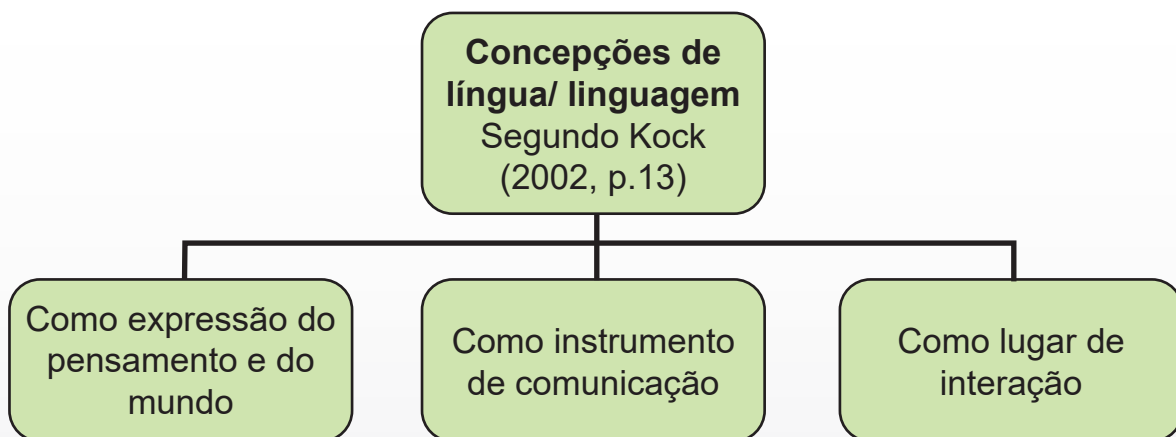


3. DISCUTINDO CONCEPÇÕES DE LEITURA

Sendo a temática desse caderno e o trabalho pedagógico mediado pela leitura de imagem, se colocou importante acenar uma discussão sobre concepção de leitura.

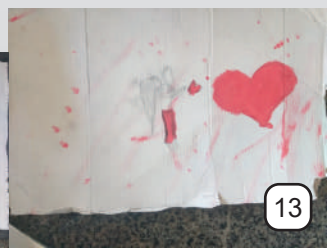
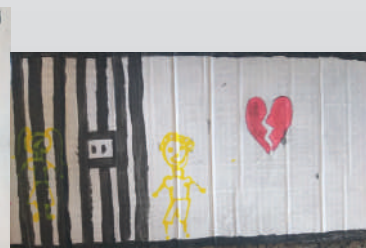
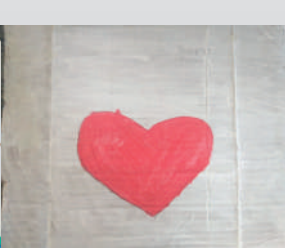
Assim, consideramos importante explorar aqui as colocações de Koch (2003) quando esta autora explicita a existência de três postulados de leitura. Para a autora, uma concepção de leitura está ligada a uma concepção de texto e linguagem que por sua vez se imbrica com uma concepção de leitor. Uma ou outra, essa ou aquela opção assumida pelo professor de língua portuguesa, implicará no exercício de sua docência e, por extensão nas aprendizagens e formação leitora de seus alunos.

Para isso trago as concepções de língua(gem) do ponto de vista da Kock (2002), tendo em vista a importância do professor garantir as condições de participação ativa e cidadã em diversas áreas da atividade humana.



- A língua como **expressão de pensamento** corresponde ao sujeito pautado no ego, sujeito psicológico, individual, dono de suas ações, aquele que sabe a gramática sabe a língua, ou seja o emissor é ativo e o receptor não, o texto é um produto representando a mentalidade do autor e o leitor capta essa representação mental do produtor de forma passiva.

- A língua como **código** o texto é mero instrumento de comunicação e o sujeito é determinado pelo sistema por não ter consciência e ter um comportamento individual e inerte ao sistema é o que chamamos de assujeitado. Há um emissor comunicando a um receptor determinadas mensagens. A principal função da linguagem é de transmitir de informações. Se a pessoa tiver o conhecimento da língua irá decodificar passivamente o texto.



- A língua como **interação** que possibilita que os sujeitos pratiquem variadas atividades interativas entre o texto e o sujeito contribuindo para produção de texto e de sentido, temos o sujeito psicossocial que corresponde a interação ativa de uma dinâmica social. Nessa dinâmica dialógica de língua o sujeito são atores/construtores, e há uma interação entre texto e sujeito, sujeito esse, ativo que constrói dialogicamente e o contexto passa a ter lugar sociocognitivo.

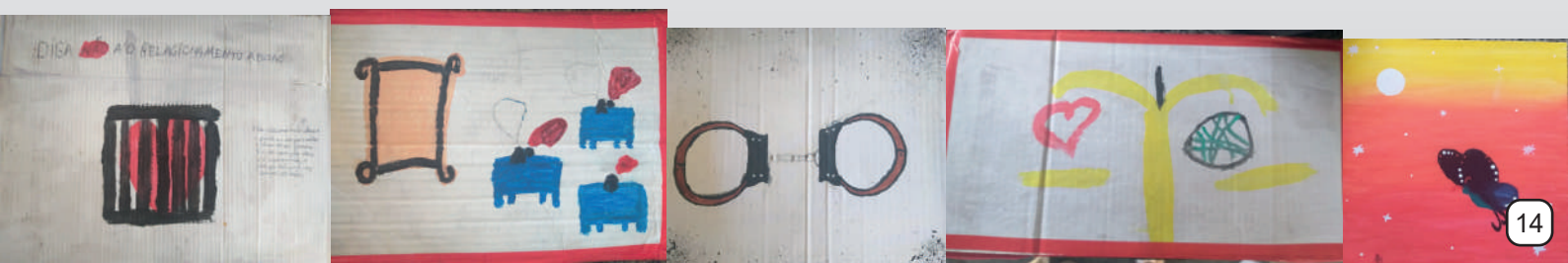
Nosso posicionamento neste caderno traz uma perspectiva de linguagem enunciativa-discursiva que compreende que a produção de um enunciado ocorre no interior de uma prática concreta. Ou seja, a língua como interação, com sujeitos ativos, responsivos e que tem um propósito no momento do discurso.

Nessa concepção de linguagem, as linguagens verbal, verbo-visual e multissemiótica são práticas discursiva situada que permite aos estudantes se constituírem como sujeitos leitores dialógicos produtores de projetos discursivos.

Durante todo o percurso este caderno, distanciar-se de uma visão de língua meramente estrutural, passando a imagem e o texto serem norteadores da nossa ação, de forma que com base neles, possam não ser apenas reflexões sobre os quatro eixos de ensino na língua portuguesa (leitura, produção de texto, oralidade e análise lingüística / semiótica), mas também possa haver espaço para debates, reflexões críticas que ampliem o aprendizado do aluno e preparem os jovens para fazer uso de habilidades diferentes.

Considerando a variedade de situações comunicativas nas dferentes esferas, escolar, literária, cotidiana entre outras, alinhada a essa orientação o caderno busca como objeto de ensino o conhecimento com o que se opera em algumas situações comunicativas presentes na linguagem utilizando os gêneros textuais memes, contos e poema.

Em resumo, a concepção de linguagem adotada visa considerar o diálogo entre texto imagem e texto verbal, produzindo efeitos de sentidos e sendo assim fortalecendo um sujeito capaz de agir para além da escola na e pela linguagem, dialogicamente.



4. DA TEORIA A PRÁTICA

O trabalho docente necessita ser realizado de modo dialético e dialógico, pois trata-se de ações humanas intencionais, datadas, concretas para cumprir determinadas finalidades na vida dos estudantes. Nesse processo, defendemos o papel que a leitura dialógica de imagem pode provocar qualitativamente nas aprendizagens dos estudantes.

Para este trabalho, a leitura é vista como um processo de significação entre os interlocutores, resultante de uma tarefa individual/coletiva, subjetiva, dialógica e de reflexão ao texto lido. Conforme Lenner (2002, p.62) Leitura é trabalho de construção de efeitos de sentidos pelo leitor que adota comportamentos que podem ser tomados como objeto de ensino pelo professor.

Professor(a), antes de apresentarmos as propostas dialógicas que tem em vista inspirar suas práticas, apresento, inicialmente, um movimento dialógico em sala de aula logo no início do desenvolvimento do trabalho.

Em nosso entender, o que vamos expor poderá te ajudar a compreender a nossa crença e opção por agir dialogicamente em sala de aula. **Em uma abordagem dialógica o professor necessita observar por meio dos diálogos que vão se estabelecendo entre eles, por exemplo, pistas sobre como os aprendizes compreendem diferentes temáticas e como se posicionam perante elas e no mundo. Nessa direção a palavra alheia – dos alunos – é fundamentação para que o professor possa pensar, elaborar e desenvolver situações para que todos qualifiquem sua compreensão diante da vida.**

Leia, a seguir, o texto “Eros e Psique”:

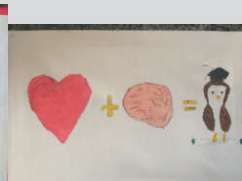
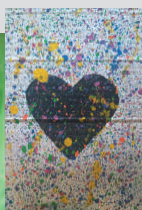
EROS E PSIQUE

Eros e Psique Não havia criatura humana ou divina que fosse mais bela que Psique. No entanto, ela era uma simples mortal.

Certo dia, ao descer do Olimpo, Eros se apaixonou por Psique e quis se casar com ela. Ordenou a Zéfiro, o vento, que a transportasse para os ares e a instalasse num palácio magnífico. Psique foi levada, conforme as ordens de Eros, e ficou extasiada com o esplendor de sua nova morada.

Quando a noite caiu, a moça ouviu uma voz misteriosa e doce:

— Não se assuste, Psique, sou o dono deste palácio. Ofereço-o a você como presente de nosso casamento, pois quero ser seu esposo. Tudo o que você está vendo lhe pertence. Se tiver algum desejo, bastará pronunciá-lo para que seja realizado. Zéfiro estará às suas ordens, ele fará tudo o que você ordenar. Em troca de minha afeição, só lhe faço uma exigência: não tente me ver. Só sob essa condição



poderemos viver juntos e ser felizes.

A aurora se aproximou e o ser misterioso desapareceu, sem mostrar o rosto a Psique.

Mas, à medida que as noites iam passando, a moça ia ficando mais curiosa para ver seu companheiro. Morria de vontade de saber quem era ele.

Certa noite, assim que o sol se pôs, ela pegou uma lamparina, escondeu-a entre as flores e ficou à espera. O marido não demorou a chegar. Falou-lhe com sua voz suave, enquanto ela aguardava ansiosa a hora de dormir. Logo Eros se deitou e adormeceu. Psique ergueu a lamparina para enxergar melhor e viu um belo jovem, de faces coradas e cabelos loiros. Com uma respiração regular e tranquila, ele exalava um hálito doce e perfumado. Psique não conseguia tirar os olhos do belo quadro. Sua mão tremeu de emoção, a lamparina balançou e uma gota de óleo caiu no braço do rapaz, que acordou assustado. Ao ver Psique, ele desapareceu. O encanto se rompeu. Foi-se o belo palácio, acabaram-se os jardins mágicos, as flores perfumadas. Não havia mais nada nem ninguém! Psique viu-se caminhando num lugar pedregoso e selvagem, corroída pelo arrependimento e maldizendo sua curiosidade.

Desolado, Eros voltou para o Olimpo e suplicou a Zeus que lhe devolvesse a esposa amada. O senhor dos deuses respondeu:

— O deus do amor não pode se unir a uma mortal.

Mas Eros protestou. Será que Zeus, que tinha tanto poder, não podia tornar Psique imortal?

O deus dos deuses sorriu, lisonjeado. Além do mais, como poderia deixar de atender a um pedido de Eros, que lhe trazia lembranças tão boas? O deus do amor o tinha ajudado muitas vezes, e talvez algum dia Zeus precisasse recorrer de novo a seus favores. Seria mais prudente não o contrariar.

Dessa vez, Hermes substituiu Zéfiro. Zeus ordenou que o mensageiro fosse buscar Psique e a trouxesse para o reino celeste. Lá ele lhe oferecerá ambrosia e néctar, tornando-a imortal.

Nada mais se opôs aos amores de Eros e Psique. Seu casamento foi celebrado com muito néctar, na presença de todos os deuses. As Musas e as Graças aclamaram a nova deusa em meio a danças e cantos.

(GENEST, Émile; FÉRON, José; DESMURGER, Marguerite. As mais belas lendas da mitologia. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 203-206.)

O momento da leitura e produção de efeitos de sentidos

Esse texto foi lido para os alunos, por mim. Após a leitura sugeri que todos recebessem um pedaço de papel aleatoriamente que distribuí entre eles. Cada papel estava escrito uma ação a se fazer com o texto, a exemplo: comentar o que leu, recomendar o que leu, compartilhar o que leu, confrontar com outros leitores. Essa dinâmica permitiu que os alunos pudessem ficar mais atentos a leitura e perceber diversos contextos de se fazer a leitura do texto a depender da condição comunicativa.



Ao logo desse movimento os estudantes verbalizaram diferentes questões como: relacionamentos abusivos, alunos relataram terem se visto nesse texto, refletimos sobre valores, empatia abordamos questões sobre conseqüências, curiosidade, fizemos antecipações com o que segue no texto, muitas vezes nos identificamos com o autor, outras nos distanciamos assumindo uma posição crítica no processo de interação ativa (autor, texto e leitor) para orientar na construção de sentido do texto, levantamos hipóteses a respeito de como a família da moça ficou com o sumiço dela para que os alunos pudessem ter um posicionamento crítico em relação ao que está expresso no texto e desenvolver o gosto pela leitura.

Professor(a), movimentos como esse (de leitura e produção de textos) pautados na dialogia ocorreram ao longo das propostas dialógicas que apresentamos mais a frente.

A instauração dialógica permite o lançamento da palavra-ponte entre eu professora e estudantes bem como a outros textos/pessoas. Nesse texto anterior, alguns alunos conseguiram relacionar com outros textos, como por exemplo o da bíblia.

Seguimos agora para a produção textual

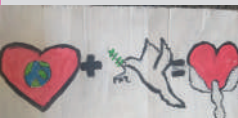
Tendo o texto sido considerado como fruto de uma interação entre os sujeitos concretos, a produção de textual cumpre o papel significativo nesse processo.

De acordo com Bakhtin (2011) uma finalidade específica no interior de uma prática comunicativa concreta, o texto é considerado um enunciado concreto e na escola deve ser tomado como objeto de ensino por meio de diferentes gêneros discursivos.

O texto sendo organizado pelos gêneros relativamente estáveis de enunciados distanciam-se das produções textuais mais usadas na escola, como narração, descrição e dissertação. Ou seja, a produção textual objetivou não se descontextualizar da prática social. No caso do trabalho com o texto Eros e Psique, foi solicitado aos alunos que organizassem uma exposição das produções tomando por base toda leitura feita desse texto: pintassem quadros, fizessem legendas e escrevessem um relato de experiência vivenciada nesse percurso.

Para que detalhes desse momento de produção não se perdessem, os alunos receberam um caderno – do professor - com a finalidade de registrar tudo o que considerassem importante ao longo das produções para depois relatar com o professor e toda a classe.

No relatório, tiveram que contar todos os bastidores da organização da exposição, sugerir mudanças, fazer elogio... Percebi que os alunos sentiram vontade para expor até suas indignações sobre o comportamento de outros colegas, como relatar quem fez o que na exposição etc. No relato de experiência puderam compartilhar seus anseios, aprendizados. Nas legendas das pinturas fizeram planejamento, revisão, refacção e autoavaliação, já que eram escritos que seriam públicos.



Eu achei muito legal, fiquei muito embaraçado por ter feito esse trabalho tud
 era muito chato principalmente a
 parte de falar com estranhos e
 falar com qualquer pessoa
 principalmente com estranhos, explicar
 algo que eu fiz pra ganhar pontos
 tipo é... Muito irritante explicar
 ah!

Exibido no Trabalho!

Nome: Dênia de Souza Mendes
 Turma: 201

Tema: Bateria com bola gasta
 Tema: O que poluente. Dênia poluente se fala nos livros de casa?
 Explicação: Tem muita gente por aí que anda com vários
 selos no rosto, enquanto por dentro está sentindo muita
 tristeza e raiva.

Relatório da 1ª exposição

No dia 10 de setembro
 foi a minha exposição de
 Bolinhas coloridas e
 a palavra Terra e Estados
 Unidos e o Brasil. No 1º dia
 minha exposição a gente que
 devia fazer diferente de mais
 a gente da bola. Já a gente
 do trabalho, eu expliquei as
 partes, um dia de outro dia
 que minha ficou um pouco
 mais, não soube explicar,
 ninguém falou e foi bem
 legal.

Deu bom!
 Foi um dia legal.

Hoje, nos fomos apresentar
 nosso trabalho na exposição
 de arte, a experiência foi
 boa, e também aprendi
 a expressar uma
 opinião ou minha ideia
 para outras pessoas.
 Bom, mesmo que alguns
 das pessoas não deram
 muita importância ou
 ocupados demais para
 escutar, ainda gostei da
 experiência.

Me surpreendi com o
 comportamento da minha
 turma.

Eu também!
 Foi maravilhoso!

Fonte: Arquivo do pesquisador

Dessa forma promovemos o engajamento dos alunos e percebemos que produzir um texto com uma finalidade real e para um interlocutor real passa pela experiência autoral.

A oralidade é um prática discursiva que o sujeito toma a palavra para se colocar perante ao mundo. Os interlocutores possuem intencionalidade determinada em um contexto real em que há entonação, prosódia, gestos, repetições, correções, marcadores de discurso interacionais, contato face a face e situações orais, como entrevista, debate. O que aqui assinalo, aconteceu em um momento de nossa prática.

No ato da exposição (que ocorreu na Rodoviária na frente que se localiza na frente da escola), um dos estudantes apresentou, dialogicamente o quadro que havia produzido. A seguir flertei o diálogo para assinalar como é importante, você professor acreditar na capacidade de fala, de voz, de inventividade de seus aprendizes.

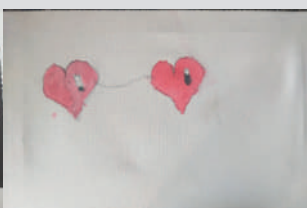


Quadro 1: Transcrição do dialogo entre o aluno e um passageiro que esperava ônibus

[
Aluno 1: O que você vê nessa imagem?
Passageira: Um labirinto!
Aluno 1: Sabia que estava legível (se referindo ao desenho). Mas o que você entender por ele?
Passageira: Alguém tentando chegar a algum lugar...
Aluno 1 (apontando para o centro do desenho onde estava escrito VC): Esse aqui é você. Se você for por esse caminho, você vai para onde?
Aluno 2 (interrompendo): Isso é uma lâmpada!
Aluno 1: Isso uma lâmpada...rs quase lá! (E continua) Esse é o caminho da razão.
Aluno 1: (apontando para um desenho no canto direito da tela): Que desenho é esse?
Passageiro: Um coração!
Aluno 1: Aqui você vai para o caminho da emoção.
Aluno 1: (apontando para um outro desenho no canto direito): Esse é o caminho mais difícil do equilíbrio entre amor e a razão. E por que não conseguimos ter os dois? Em algum momento da sua vida você foi mais na emoção do que na razão?
Passageira: Sim.
Aluno 1 (Conta a história de Eros e Psique um texto que foi trabalhado em sala de aula, após contar a história o aluno pergunta: Ela foi irracional? Se referindo ao fato de Psique aceitar casar com Eros sem poder ver seu rosto com a condição que teria tudo o que quisesse...
Aluno 1: Ah... ele é um Deus do amor... ela foi pela emoção, deixou se levar por um momento. Ela pensou na sua família ? será que ela pensou que pudesse ver a família de novo? Ela foi apaixonada!
[

Fonte: Arquivo do pesquisador

Ressaltamos aqui, professor(a) que na análise semiótica/lingüística os exercícios das aulas de língua materna são momentos que se tornam objeto de reflexão pelos alunos que se encerram no texto, porém nossa abordagem teórica desejou ir além da semiótica e meramente lingüística. Seguimos em dialogia.



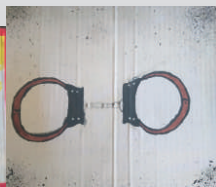
5. VAMOS AS PROPOSTAS DIALÓGICAS?

Caro professor

A seguir sugerimos as atividades interventivas elaboradas a partir das proposições teóricas apresentadas. Dividimos em três propostas dialógicas: A primeira proposta dialógica foi pensada a partir do livro didático adotada pela escola. As demais propostas foram pensadas a partir das vozes observadas em sala, o que os alunos traziam para dentro da sala. A segunda proposta dialógica foi pensada a partir de uma situação com aluno em que a proposta de Bakhtin passou a fazer sentido para mim, uma situação em sala com uma aluna que disse EU SOU MEU MATERIAL e que virou meme no grupo de What'APP. A terceira proposta dialógica foi criada a partir de uma ida a biblioteca em que os alunos tiveram contato com os livros de narrativas mitológicas, fizemos a leitura do livro Os dozes trabalhos de Hércules percebendo a fascinação dos alunos sobre os mitos e a temática do amor sempre muito presente nos livros que eles escolhiam as aulas foram elaboradas.



Mirror



PROPOSTA DIALÓGICA 1

OBJETIVOS:

- Fortalecer os estudantes nos seguintes aspectos, no que se refere a leitura de imagens ou verbo-visuais;
- Fazer releitura de imagem;
- Discutir e entender o que é um conto e sua finalidade no contexto de sua formação leitora;
- Produzir contos de terror e estabelecer comparações entre os contos que circulam em sua sociedade.

MATERIAL UTILIZADO:

Data show, tinta guache, pincel

DURAÇÃO:

5 aulas

PROCEDIMENTO DIDÁTICO:

Projetar esta imagem no data show e apresentar a biografia do pintor Salvador Dali.

Observação: : Professor, esta imagem foi retirada do livro didático do aluno. Era uma imagem que introduzia o capítulo para se trabalhar com gênero textual contos de terror



Fonte: livro didático



1º momento: Para envolver os estudantes no tema

- A imagem foi produzida por Salvador Dali. Vocês conhecem Salvador Dali? Quem foi ele?

Sugestão de perguntas para pesquisa na internet

Salvador Dali

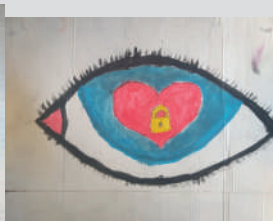
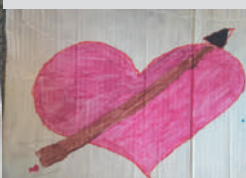
Salvador Dalí (1904-1989) foi um pintor espanhol que se destacou por suas composições insólitas e desconexas. Com seu bigode sinuoso e com disposição para escandalizar foi um grande representante da "Estética Surrealista". Salvador Domingo Dalí Domènech nasceu em Figueres, Girona, Espanha, no dia 11 de maio de 1904. Filho do tabelião Salvador Dalí Cusi e de Felipa Domènech em 1922 muda-se para Madrid e vai morar na Residência dos Estudantes, onde fica amigo do poeta Federico Garcia Lorca e do futuro cineasta Luís Bunuel. Ingressa na Academia de Belas Artes de San Fernando.

Caro professor
É sempre bom trazer a biografia do autor para os alunos para situá-los no contexto histórico da produção. Pode-se fazer uma busca pela internet com os alunos para conhecerem outras obras do autor.

- Será que as obras do Salvador Dali já vieram ao Brasil? Onde será que foram expostas? Por que Salvador Dali foi um pintor importante para a história da pintura?

Sugestão de perguntas para trabalhar a imagem

- Que sensação e sentimento essa imagem traz a vocês?
- Que ideia essa imagem passou para vocês? (boa, tranqüila, calma ou tensa, triste, assustadora?)
- Por que alguém, na sua opinião, iria fazer uma imagem assim? Haveria um motivo especial?
- Observem os detalhes, vamos começar descrevendo o que tem cada parte. Será que alguém faria uma imagem dessa se tudo estivesse bem em um determinada sociedade?
- Será que essa imagem é uma denuncia social?
- Vocês sabem o que é um conto? Já ouviram falar? O que vocês sabem sobre conto? → *professora, aproveite para apresentar o conto, como é feito, com uma estrutura lingüística para poder dar conta de transmitir o que deseja.*



Entrando na questão do gênero textual em estudo

- Para que alguém escreve um conto?
- No bairro onde vocês moram as pessoas narram contos para vocês?
- Quais os contos já tiveram a oportunidade de conhecer? → deixe que narrem

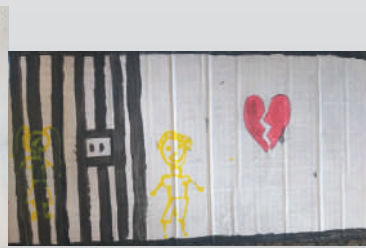
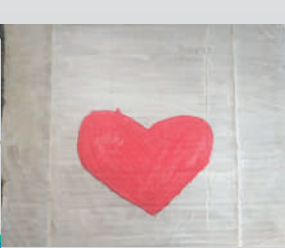
Professor, após as discussões promovidas pelas perguntas anteriores, crie uma ambiência que instigue os alunos a buscarem a história dessa imagem. A seguir, apresentamos alguns subsídios para você.

Para saber mais sobre a imagem

A FACE DA GUERRA

Foi feita no final de 1940 na Califórnia, Estados Unidos, em plena Segunda Guerra Mundial. Aparentemente o quadro demonstra toda a repulsa de Dali pela guerra civil, e prova que a guerra traz unicamente a destruição. Esse quadro é mais um exemplo da genialidade do maior pintor surrealista, é o surreal mostrando o real. A originalidade e genialidade encontram-se juntas com a sua percepção sobre os excessos da guerra, para muitos as coisas até podiam ser consideradas mais bonitas no quadro. Através deste quadro Dali quis mostrar todo o terror que cercava a Segunda Guerra Mundial. Diferentemente do simbolismo da premonição da guerra civil, neste quadro Dali expressa de forma evidente, a sensação de tragédia. Nele podemos observar um rosto marcado pela destruição, nos seus olhos e na sua boca há faces iguais à principal, que por sua vez também contêm (nos olhos e na boca) outras faces desfiguradas. Podemos ver uma cabeça sem corpo, que flutua numa paisagem árida. A paisagem simboliza a destruição e o sentimento coletivo de solidão durante uma guerra. A cabeça é decadente, os olhos foram comidos pelo tempo. A expressão facial é muito comovente e respira desespero, medo e terror. Esta face principal talvez represente o início da 2ª Guerra Mundial uma vez que se encontra cercada por serpentes em posição de ataque, que simbolizam simboliza os constantes ataques sofridos durante o tempo de guerra. As restantes faces, que se encontram contidas dentro da primeira, são réplicas, cada vez mais deterioradas, mostrando a continuidade da guerra, do horror e das mortes. Também podemos analisar a obra de outra maneira. A face principal pode mostra a expressão horrorizada de alguém que observa a guerra. Se olhar-mos dentro dos seus olhos, podemos ver.

FONTE: <https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/An%C3%A1lise-Do-Quadro-a-Face-Da/45141958.html>



2º momento: Organização dos alunos em grupo

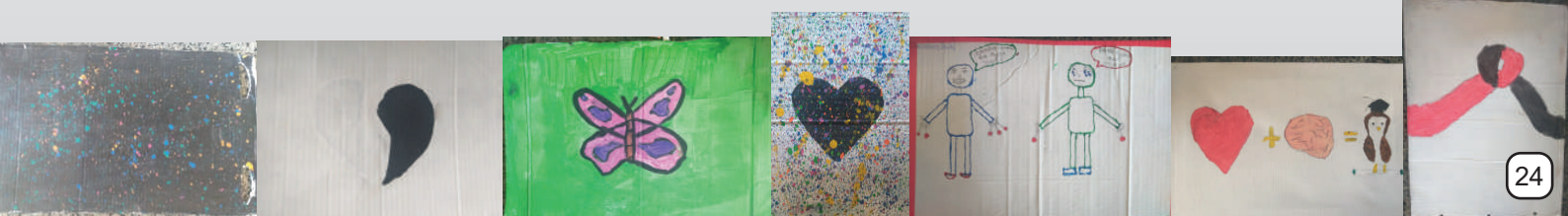
- Os alunos irão escrever os contos de bairro que eles narraram e ilustrem o texto. Ao final da aula pedir aos alunos que busquem a historicidade desses contos por meio de pesquisas na família, vizinho, pessoas mais idosas.
- O grupo irá apresentar seu trabalho e explicar as imagens. O restante da turma irá avaliar se as imagens dão conta de explicar a letra do conto. Nesta avaliação a turma pode sugerir como fariam para melhor expressar a ideia. Estes contos e desenhos podem ser expostos num blog ou no face da turma.

3º momento: Trazer a perspectiva clássica dos contos

- Levar dois contos com temáticas diferentes: um com tema de enigma, outro conto com tema de terror. A partir dos contos que vocês contaram, haveria algum que se aproximasse de um conto de enigma ou de terror?
- Quais outros autores trazem contos de terror que vocês conhecem?
- O que vocês conseguiram entender sobre a características de um conto de terror?
- Será que os contadores de conto do bairro não são tão importantes quanto Salvador Dali? O contos de bairro também não tendem a expressar a nossa sociedade?
- Se Salvador Dali fosse pintar hoje, sobre contos de terror, o que ele pintaria em seus quadros? Por quê?

Proposta: Dali não está mais com a gente. Vamos tentar fazer algo para dar continuidade a intenção dele? (tinta guache, pincel e folha deixe que os alunos criem suas respostas através da pintura)

Professor, pode-se fazer uma exposição de Salvador Dali e dos contos narrados do bairro)



Culminância: Fazer uma exposição com os trabalhos.
Para isso será necessário:

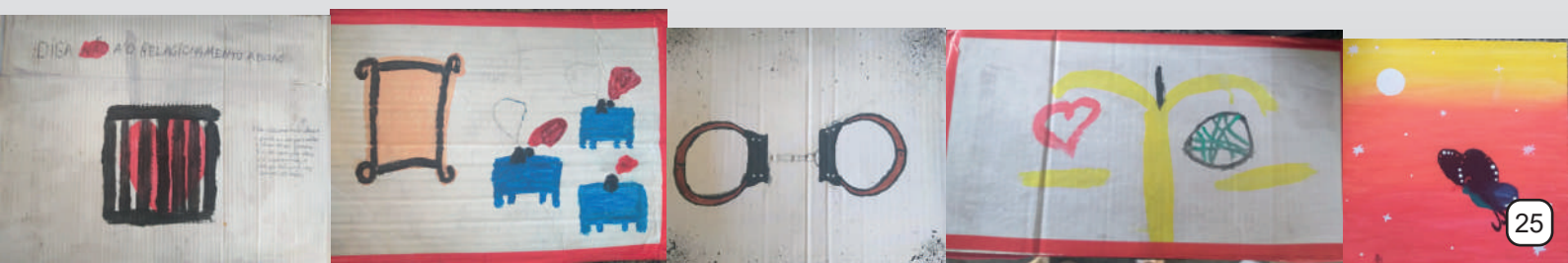
a) Elaborar uma comissão organizadora composta por líder, secretário, pessoas para fazer a divulgação nas salas, grupo monitorando a exposição e explicando aos visitantes sobre as obras, pessoas que irão fazer as reproduções das obras.

b) Pode-se pegar as fotos de pinturas de Salvador Dali e pedir que os alunos façam a releitura numa cartolina. E na exposição coloque uma foto pequena da pintura original grudada na releitura.

c) O tempo da exposição será definido com os alunos.

REFERÊNCIAS

MARCHETTI, Greta. **Para viver juntos:** português, 8º ano: ensino fundamental. 4.ed. –São Paulo: Edições SM, 2015, p.10-11



PROPOSTA DIALÓGICA 2

OBJETIVOS:

- Fortalecer os estudantes nos seguintes aspectos, no tocante a leitura de textos imagéticos ou verbo-visuais;
- Discutir e entender o que é um meme e sua finalidade no contexto de sua formação leitora;
- Produzir memes a partir de um gênero textual poema;
- Conhecer Memes didáticos;
- Relacionar Memes com o conteúdo estudado;
- Produzir Memes e postar na internet.

MATERIAL UTILIZADO:

Data show, tinta guache, pincel

DURAÇÃO:

5 aulas

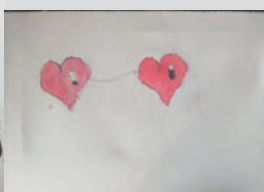
PROCEDIMENTO DIDÁTICO:

Projetar esta imagem no data show e depois os textos

Imagem 1



Fonte: Google imagens



Provocando a conversa...

- O que vocês veem na imagem? Descreva-a
- O que significa as letras no corpo do rapaz?
- Onde você imagina que ele esteja? E quem será que ele é? (Pelo cabelo e tipo físico e atrás ter um campo de futebol, deduz-se que seja um jogador de futebol... professor aceite outras possibilidades desde que estejam dentro de um contexto)
- Vocês conhecem as marcas que estão impressas no rapaz?
- Qual será a relação dessas marcas impressas, o estilo do rapaz e local que aparece atrás dele?
- O que é consumismo? Você se acha consumista?
- O que será que o consumismo pode acarretar?
- Você sabe o que é meme?
- Vocês conhecem Carlos Drummond de Andrade? (professor apresentar a biografia de Carlos Drummond de Andrade ou leva a turma para o laboratório de informática para pesquisarem sobre esse autor.

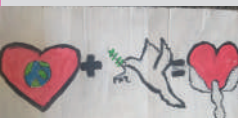
Vamos ler um poema de Drummond?

(projetar no quadro e entregar uma cópia para os alunos)

EU, ETIQUETA

Carlos Drummond de Andrade

Em minha calça está grudado um nome
Que não é meu de batismo ou de cartório
Um nome...estranho
Meu blusão traz lembrete de bebida
Que jamais pus na boca, nessa vida,
Em minha camiseta, a marca de cigarro
Que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam de produtos
Que nunca experimentei
Mas são comunicados a meus pés.
Meu tênis é proclama colorido
De alguma coisa não provada
Por este provador de longa idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
Minha gravata e cinto e escova e pente,
Meu copo, minha xícara,



Minha toalha de banho e sabonete,
Meu isso, meu aquilo.

Desde a cabeça ao bico dos sapatos,
São mensagens,
Letras falantes,
Gritos visuais,
Ordem de uso, abuso, reincidências.
Costume, hábito, premência,
Indispensabilidade,

**E fazem de mim homem-anúncio itinerante,
Escravo da matéria anunciada.**

Estou, estou na moda.

**É duro andar na moda, ainda que a moda
Seja negar minha identidade,**

Trocá-lo por mil, açambarcando
Todas as marcas registradas
Todos os logotipos do mercado.

Com que inocência demito-me de ser
Eu que antes era e me sabia

**Tão diverso de outros, tão mim mesmo,
Ser pensante sentinte e solitário**

Com outros seres diversos e conscientes
De sua humana, invencível condição.

Agora sou anúncio

Ora vulgar ora bizarro.

Em língua nacional ou em qualquer língua

(Qualquer, principalmente.)

E nisto me comprazo, tiro glória
De minha anulação.

Não sou – vê lá – anúncio contratado.

Eu é que nimosamente pago

Para anunciar, para vender

Em bares festas praias pérgulas piscinas,

E bem à vista exibo esta etiqueta

Global no corpo que desiste

De ser veste e sandália de uma essência

Tão viva, independente,

Que moda ou suborno algum a compromete.

Onde terei jogado fora

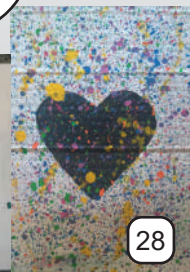
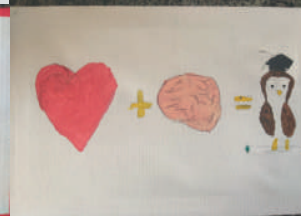
Meu gosto e capacidade de escolher,

Minhas idiossincrasias tão pessoais,

Tão minhas que no rosto se espalhavam

E cada gesto, cada olhar,

Cada vinco da roupa



Sou gravado de forma universal,
 Saio da estamperia, não de casa,
 Da vitrine me tiram, recolocam,
 Objeto pulsante mas objeto
 Que se oferece como signo dos outros
 Objetos estáticos, tarifados.
 Por me ostentar assim, tão orgulhoso
 De ser não eu, mas artigo industrial,
 Peço que meu nome retifiquem.
 Já não me convém o título de homem.
 Meu nome novo é Coisa.
 Eu sou a Coisa, coisamente.

Perguntas sobre o texto:

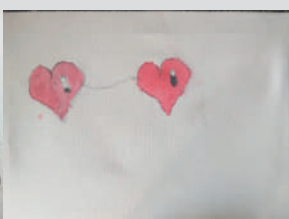
- Vamos verificar o significado das palavras desconhecidas do texto?
- Qual a relação do imagem com o texto?
- O poema faz uma crítica? Qual? Essa critica é atual?
- Há elementos no poema que estão presentes na vida real?
- Qual é a diferença entre o eu e coisa no texto? Você se julga coisa? O texto traz uma critica intrinseca sobre coisificação do homem, de que forma podemos trazer uma visão mais humanizada para essa questão que aponta no texto?
- Para você o que é estar na moda? Sua opinião é a mesma de Drummond no poema sobre estar na moda?

Professor, pode-se trazer mais memes para serem discutidos com os alunos e o contexto social em que foram produzidos.

- Explique a situação que o meme se refere, adequação da imagem e o posicionamento do autor da mensagem



Fonte: Geradordememes.com



Proposta de trabalho dialógico:

- Realizar a produção de memes didáticos utilizando o conteúdo aprendido em língua portuguesa o texto Eu, etiqueta. Desenhar o meme, apresentar explicando a situação que o meme se refere, a adequação da imagem escolhida com a temática e o posicionamento. Trabalho para apresentar em trio e postar no grupo de what's app.

Professor, os alunos podem sentir a necessidade de se expressarem e criar algo mais livre, traga essa proposta mais livre, em que eles criem memes relacionados ao conteúdo e outros relacionados ao contexto deles e peça para que eles expliquem as condições de produção. Desse modo, você poderá compreender quais foram os efeitos de sentidos produzidos pelos alunos ao longo da produção, realizando as intervenções necessárias).

REFERÊNCIAS

Site: Gerador de memes. Extraído do site: <www.geradordememes.com.br>. Acesso em: 18 de março de 2010.

Site: Portal do Professor. Extraído do site: <www.portaldoprofessor.org.br>. Acesso em: 18 de março de 2020.



PROPOSTA DIALÓGICA 3

OBJETIVOS:

- Fortalecer os estudantes nos seguintes aspectos, no tocante a leitura de textos imagéticos ou verbo-visuais;
- Discutir e entender o que é narrativa mitológica e sua finalidade no contexto de sua formação leitora;
- Dialogar com outros textos e gêneros com a mesma temática;
- Fazer uma exposição com pinturas fora da sala de aula.

MATERIAL UTILIZADO:

Data show, tinta guache, pincel

DURAÇÃO:

5 aulas

PROCEDIMENTO DIDÁTICO:

Projetar esta imagem no data show e depois os textos

Imagem 1



Imagem 2



Fonte: Google imagens

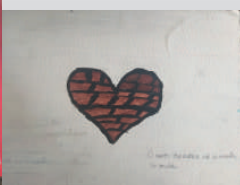


Imagem 3



A Young Girl Defending herself
Against Eros (BOUGUEREAU, 1880)

Imagem 4



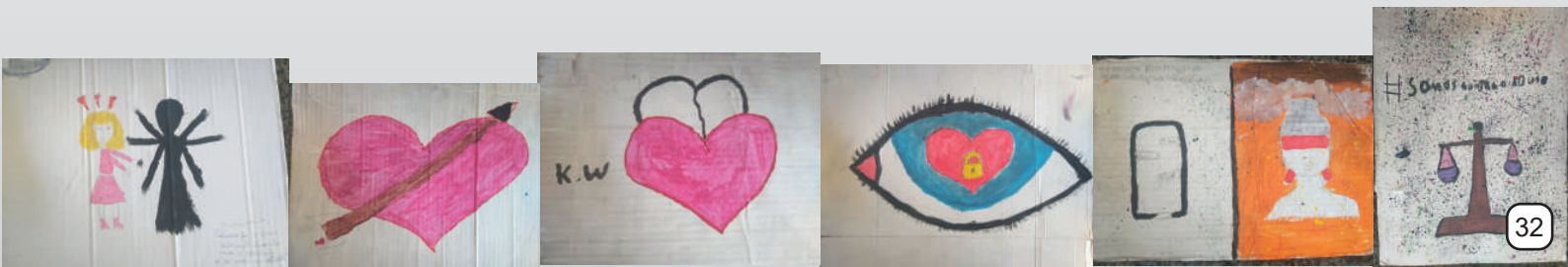
The Abduction of Psyche
(BOUGUEREAU, 1895)

Professor, a seguir alguns sugestões de perguntas para se trabalhar com estas imagens antes de projetar os textos.

- O que é a imagem 1? Onde você já viu essa imagem? Para que serve?
- Descreva a imagem 2. O que ela representa?
- Em relação a imagem 3, quem são essas pessoas e o que elas estão fazendo? Por que será que elas estão nessa posição?
- E na imagem 4, quem são? Vocês os que conhece? O que eles estão fazendo?
- Vamos observar as cores, os contrastes, os traçados da pintura, o que vocês sentem e pensam a respeito? O que vocês gostariam de saber mais sobre estas imagens?

Agora, nós vamos ler um poema intitulado de Eros e Psique, do poeta Fernando Pessoa. Vocês conhecem ele?

Professor, fale sobre Fernando Pessoa ou promova movimentos nos quais os estudantes possam pesquisar na biblioteca da escola a biografia desse autor.



“Eros e Psique”

Fernando Pessoa

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
Do além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.

A Princesa adormecida,
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado.
Ela para ele é ninguém.

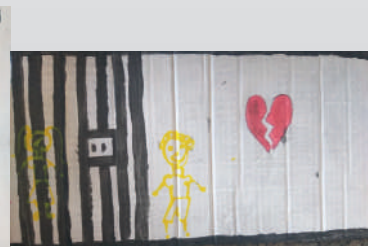
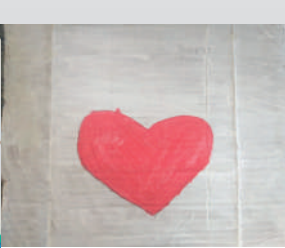
Mas cada um cumpre o Destino –
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino

Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.

E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.

Professor, explore o texto as características do poema, mostre aos alunos como Fernando Pessoa contruiu. E após essa parte estrutural, fale sobre Eros E Psique, quem são personagens da mitologia grega e romana, que o cupido em forma de criança é representado pela mitologia romana e na mitologia grega, ele é representado por um jovem e diga que eles receberão dois textos contado diferentes versões sobre Eros e Psiquê.



Texto base: EROS E PSIQUE

Eros e Psique Não havia criatura humana ou divina que fosse mais bela que Psique. No entanto, ela era uma simples mortal.

Certo dia, ao descer do Olimpo, Eros se apaixonou por Psique e quis se casar com ela. Ordenou a Zéfiro, o vento, que a transportasse para os ares e a instalasse num palácio magnífico. Psique foi levada, conforme as ordens de Eros, e ficou extasiada com o esplendor de sua nova morada.

Quando a noite caiu, a moça ouviu uma voz misteriosa e doce:

— Não se assuste, Psique, sou o dono deste palácio. Ofereço-o a você como presente de nosso casamento, pois quero ser seu esposo. Tudo o que você está vendo lhe pertence. Se tiver algum desejo, bastará pronunciá-lo para que seja realizado. Zéfiro estará às suas ordens, ele fará tudo o que você ordenar. Em troca de minha afeição, só lhe faço uma exigência: não tente me ver. Só sob essa condição poderemos viver juntos e ser felizes.

A aurora se aproximou e o ser misterioso desapareceu, sem mostrar o rosto a Psique.

Mas, à medida que as noites iam passando, a moça ia ficando mais curiosa para ver seu companheiro. Morria de vontade de saber quem era ele.

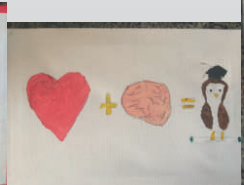
Certa noite, assim que o sol se pôs, ela pegou uma lamparina, escondeu-a entre as flores e ficou à espera. O marido não demorou a chegar. Falou-lhe com sua voz suave, enquanto ela aguardava ansiosa a hora de dormir. Logo Eros se deitou e adormeceu. Psique ergueu a lamparina para enxergar melhor e viu um belo jovem, de faces coradas e cabelos loiros. Com uma respiração regular e tranquila, ele exalava um hálito doce e perfumado. Psique não conseguia tirar os olhos do belo quadro. Sua mão tremeu de emoção, a lamparina balançou e uma gota de óleo caiu no braço do rapaz, que acordou assustado. Ao ver Psique, ele desapareceu. O encanto se rompeu. Foi-se o belo palácio, acabaram-se os jardins mágicos, as flores perfumadas. Não havia mais nada nem ninguém! Psique viu-se caminhando num lugar pedregoso e selvagem, corroída pelo arrependimento e maldizendo sua curiosidade.

Desolado, Eros voltou para o Olimpo e suplicou a Zeus que lhe devolvesse a esposa amada. O senhor dos deuses respondeu:

— O deus do amor não pode se unir a uma mortal.

Mas Eros protestou. Será que Zeus, que tinha tanto poder, não podia tornar Psique imortal?

O deus dos deuses sorriu, lisonjeado. Além do mais, como poderia deixar de atender a um pedido de Eros, que lhe trazia lembranças tão boas? O deus do amor o tinha ajudado muitas vezes, e talvez algum dia Zeus precisasse



recorrer de novo a seus favores. Seria mais prudente não o contrariar.

Dessa vez, Hermes substituiu Zéfiro. Zeus ordenou que o mensageiro fosse buscar Psique e a trouxesse para o reino celeste. Lá ele lhe oferecerá ambrosia e néctar, tornando-a imortal.

Nada mais se opôs aos amores de Eros e Psique. Seu casamento foi celebrado com muito néctar, na presença de todos os deuses. As Musas e as Graças aclamaram a nova deusa em meio a danças e cantos.

(GENEST, Émile; FÉRON, José; DESMURGER, Marguerite. As mais belas lendas da mitologia. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 203-206.)

Questões para fazer sobre os textos

Questão 1: Será que Eros se sentiu traído por Psiquê quando ela tentou ver o rosto dele?

Questão 2: O quanto Psiquê controlava sua ansiedade e curiosidade?

Questão 3: O que levou Psiquê a perder para sua curiosidade?

Questão 4: É do ser humano ser curioso?

Questão 5: O que leva alguém a “quebrar regras” imposta?

Questão 6: Psiquê tinha consciência do que aconteceria caso ela tentasse ver o rosto do amado? O que levou ela a ver o rosto do amado, quebrar a promessa, mesmo sabendo das conseqüências? Será que ela se arrependeu?

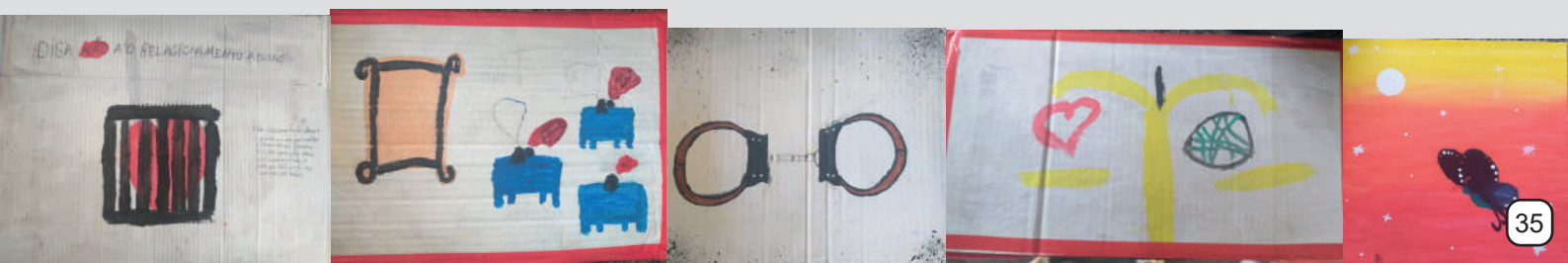
Questão 7: O que você pensa sobre ser curioso? É ruim ou bom? Positivo ou negativo?

Questão 8: O que você pensa sobre ser egoísta?

Questão 9: Que atitudes egoístas você percebe no seu dia a dia em casa, na escola, com os amigos?

Questão 10: Retomando ao texto, vamos pensar nas atitudes de Eros, Psique e Zeus. Será que Eros foi egoísta ao querer a amada só para ele e levando ela para um lugar longe da casa e família e impondo regras para ficarem juntos? Será que ele se preocupou com que ela sentiria, se ela gostaria ou não? E Psique? Será que ela gostou da situação? Será que ela também não foi egoísta quando pensou somente na curiosidade dela e colocou o amor deles a perder? E Zeus? Zeus quando cedeu a vontade de Eros era porque ele estava pensando no amor que o amigo sentia pela mulher ou porque ele poderia precisar de Eros numa outra ocasião?

Questão 11: Será que Psique se arrependeu do que fez? Ela ganhou ou perdeu?



Questão 12: Por que a curiosidade sobre a aparência física foi tão importante para Psique a ponto de correr o risco de perder seu amado? Você se importa com aparência física ou com a forma como a pessoa te faz sentir-se?

Questão 13: Psique abre mão de tudo o que ela estava vivendo, só para ver o rosto do amado. Valeria a pena? E se fosse você? Tentaria ver o rosto do amado mesmo correndo o risco de perdê-lo? O que foi mais importante: Satisfazer a vontade e curiosidade ou viver um amor num lugar belo e sentindo-se amada?

Questão 14: Será que Eros preveu que Psique pudesse tentar vê-lo ou ele estava tão apaixonado que não pensou que ela pudesse desobedece-lo?

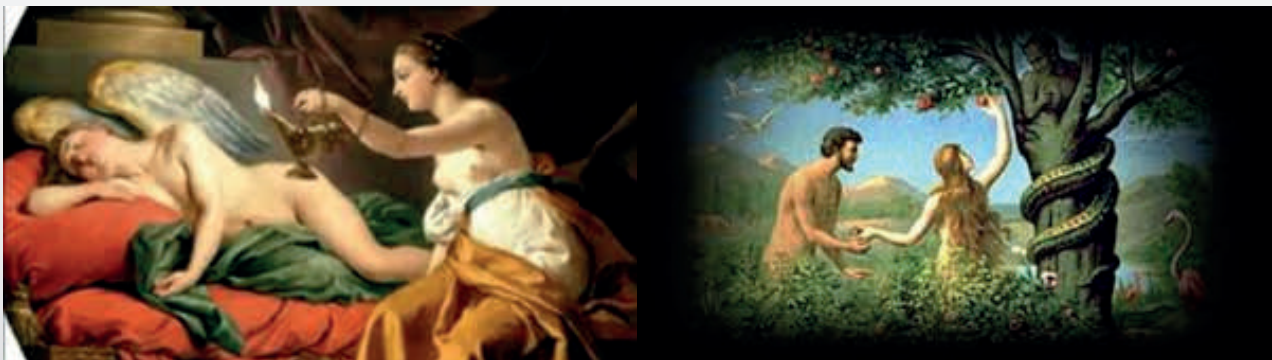
Questão 15: Você conhece algum outro texto em que a desobediência ou a curiosidade tenha levado a alguma conseqüência? (os alunos poderiam citar texto bíblico Adão e Eva ou situações particulares e expor para turma)

Questão 16: Será que Psique tinha família? O que você acha que a família dela sentiu ao notar seu sumiço? O que a sua família sentiria se você fosse embora e não comunicasse nada a eles para viver um romance ou relação proibida?

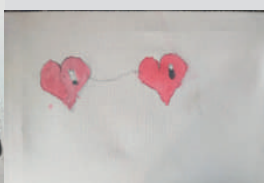
Questão 17: Trazendo para realidade... Imagine se você tivesse um namorado ou namorada e essa pessoa não estivesse mais feliz com a relação, mas você ainda gostasse muito dela. Você deixaria essa pessoa ir embora ou prenderia ela com você mesma ela estando infeliz?

Questão 18: Eros teve uma atitude egoísta. Ele não quis saber se Psique queria ficar com ele, se ela aceitaria as condições. Ele, simplesmente, a levou para seu reino, dando-lhe tudo, de modo que ela ficasse maravilhada e impôs suas condições. Como você julgaria esse comportamento do Eros? Certo ou Errado? Por quê? Como você acha que ele deveria fazer? E se fosse você no lugar de Eros? E no lugar de Psique? O que faria?

Relacione essas imagens com tudo o que lemos



Fonte: Google imagens



Vamos conhecer o outro lado da história?

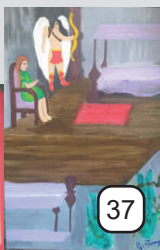
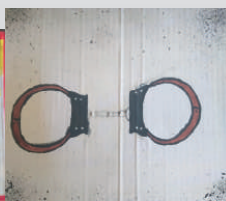


Eros e Psiquê. Foto: Andrea Izzotti / Shutterstock.com

O outro lado da história

Uma das lendas mais belas e conhecidas da mitologia grega é a de Eros e Psiquê. O conhecimento geral da lenda se dá pela figura bastante difundida do anjo Eros (ou Cupido). Eros era filho da deusa do amor, Afrodite, um imortal de beleza inigualável.

Eros Já Psiquê, mortal, era uma das três filhas de um rei, todas muito belas, capaz de despertar a admiração de qualquer pessoa, tanto que muitos vinham de longe para apreciá-las. Logo, as duas irmãs de Psiquê casam-se. Apenas a jovem não casa, ainda que seja a mais bela das três, e justamente por isso era a mais temida, já que sua beleza fazia seus pretendentes terem medo. Consultando os oráculos, os pais da jovem entristeceram-se pelo destino da filha, já que foram aconselhados a vestirem-na com trajes de núpcias e colocarem-na num alto de um rochedo para ser desposada por um terrível monstro! Na verdade, tudo fazia parte de um plano da vingativa Afrodite, que sofria de inveja da beleza da moça. Assim que a jovem foi deixada no alto do rochedo, um vento muito forte, Zéfiro, soprou e a levou pelos ares e ela foi colocado em um vale. Psiquê adormece exausta e quando acorda parece ter sido transportada para um cenário de sonhos, um castelo enorme de mármore e ouro e vozes sussurradas que lhe informavam tudo que precisava. Foi levada aos seus aposentos e logo percebeu que alguém a acompanhava e logo descobriu que era o marido que lhe havia sido predestinado, ele era extremamente carinhoso e a fazia sentir bastante amada, mas ele havia colocado uma condição, que ela não poderia vê-lo, pois se assim o fizesse o perderia para sempre. Psiquê concorda com a condição e permanece com ele.



O próprio Eros, que tinha sido encarregado de executar a vingança da mãe, se apaixonara por Psiquê, mas que tem de se manter escondido para evitar a fúria de Afrodite. Com o passar do tempo, ela se sentia extremamente feliz, porque seu marido era o melhor dos esposos e a fazia sentir o mais profundo amor, mas resolve fazer-lhe um pedido arriscado: o de ir visitar seus pais, mesmo com a advertência dos oráculos e o temor do esposo, ela insiste, até que ele cede. Da mesma forma que foi transportada até o seu novo lar, Psiquê vai até a casa dos pais. O reencontro gera a felicidade dos pais e a inveja das irmãs, que enchem-na de perguntas sobre o marido, e ela acaba revelando que nunca vira seu rosto. Elas acabam convencendo-na que ela deveria vê-lo e ela se enche de curiosidade. Quando a noite chega e ela retorna à casa, o coração dela está totalmente tomado pela curiosidade, então ela acende uma vela e procura ver o rosto do marido. Ela fica totalmente extasiada e encantada pela beleza estonteante do marido oculto, Eros, que teria feito esse pedido para que a esposa se apaixonasse pelo que é e não pela sua beleza. Psiquê ficou tão deslumbrada pela visão do esposo que não percebeu que uma gota da cera da vela pinga no peito do amado e o acorda assustado. Ele, ao ver que ela tinha quebrado a promessa, a abandona. Sozinha e infeliz, Psiquê começou a vagar pelo mundo. Passando, assim, por vários desafios e sofrimentos impostos por Afrodite como uma vingança por ela ter ferido o seu filho, a jovem luta tentando recuperar o seu amor, mas acaba entregando-se à morte, caindo num sono profundo. Ao vê-la tão triste e arrependida, Eros, que também sofria com a ausência da amada, implorou a Zeus que tivesse misericórdia deles. Com a concessão de Zeus, Eros usou uma de suas flechas, despertando a amada, transformando-a numa imortal, levando-a para o Olimpo. A partir daí, Eros e Psiquê nunca mais separaram-se. O mito de Eros (o amor) e Psiquê (a alma) retrata a união entre o amor e a alma. Em grego "psiquê" significa tanto "borboleta" como "alma". Uma alegoria à imortalidade da alma, simboliza também a alma humana provada por sofrimentos e aprovada, recebendo como prêmio o verdadeiro amor que é eterno.

Fonte: KERÉNYI, C. Os Deuses Gregos. Trad. O.M. Cajado. São Paulo: Cultrix, 1993. SOUSA, E. História e Mito. Brasília: Ed. UnB, 1981.

E agora? Como você vê a atitude de Eros e Psique? Conhecer o outro lado da história te fez mudar algo?

Redija um texto

Vamos pensar no nosso público alvo, para quem vamos escrever e na mensagem que você gostaria de passar.



Professor, a proposta de redigir um texto será a partir de tudo o que for vivenciado em sala e é através dele que é possível conhecer um pouco da visão do aluno sobre tudo o que foi discutido, até os mais tímidos, nesse momento de contato com a escrita, traz aquilo que não conseguiu expressar verbalmente. Pode-se, ao final pedir que comentem sobre o que escreveram, ou fazer trocas com o colega e discutir sobre a opinião do colega a fim de amoliar as discussões feitas em sala de aula, pois muitas das vezes ficam centradas no professor ou de um aluno que se destaque mais. Lembre da orientação de Geraldi (1990): qualquer proposta de produção de textos na sala de aula, é preciso que o escritor/aluno tenha o que dizer, para quem dizer, porque dizer, defina o tipo de texto e se coloque como sujeito do discurso.

Culminância: Fazer uma exposição com os trabalhos.

Para isso será necessário:

a) Elaborar uma comissão organizadora composta por líder, secretário, pessoas para fazer a divulgação nas salas, grupo monitorando a exposição e explicando aos visitantes sobre as obras, pessoas que irão fazer as reproduções das obras.

b) Questionarem os alunos sobre o que eles gostariam de pintar a partir das discussões feitas em sala com os textos e que não deverá ser uma pintura que ilustre mas uma pintura que dê um recado para população.

c) O tempo da exposição será definido com os alunos.

d) Essa exposição deverá ser feita fora da escola, no calçadão, ambientes

REFERÊNCIAS

Site: Gerador de memes. Extraído do site: <www.geradordememes.com.br>. Acesso em: 18 de março de 2010.

Site: Portal do Professor. Extraído do site: <www.portaldoprofessor.org.br>. Acesso em: 18 de março de 2020.



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS (QUE NÃO FINALIZAM)



Fonte: Imagens Google. Março de 2020.

Deixamos uma reflexão a respeito da charge acima para você, professor, para sempre se lembrar de ouvir seus alunos. Eles têm muito o que dizer.

Trabalhar num viés dialógico faz com o que seu alunos seja inserido num princípio constitutivo da linguagem e se constituem como sujeito, pois viver é dialogar, é argumentar, é ter possibilidade, é pensar, problematizar, ampliar de modo crítico todo aprendizado. É necessário que se rompa qualquer tipo de autoritarismo em sala para que possa ampliar a compreensão dos interlocutores em uma intensa interação.

Lendo os achados sobre Bahktin sobre expressar a língua no seu movimento real vivo e não limitado a um mero sistema de “abstrações estáticas” como visto no estruturalismo, passou a fazer sentido no momento em que nos deparamos, em sala, com uma aluna que num momento de rebeldia ao se contrapor, pois estava conversando e não estava prestando atenção à aula, queixou-se e trocou de lugar, não levando seu material. Ao ser questionada sobre o material, ela disse “EU SOU O MATERIAL!!”, logo após o ocorrido, postaram no grupo do *what’ app* o seguinte meme:



Fonte: arquivo do pesquisador



Talvez se Bahktin não tivesse permeando o trabalho, observaríamos esse fato, considerando-o como mais um “desaforo para casa”. Mas ao perceber que o sujeito é dialógico, dialético, responsivo, pudemos aprender com essa situação e repensar nossas práticas até chegar a mobilização para aprendizagem dos alunos, a aula foi repensada a partir desse meme, a transformação ocorreu de um comportamento inadequado para um aluno que se sentiu ouvido, a aula fluiu mais leve, divertida e com muitos aprendizados. Em verdade, após esse ocorrido, eu e turma conseguimos instaurar movimentos dialógicos.

Muitas vezes pensamos que não vamos conseguir ou que não acreditamos que somos capazes de ir além, principalmente em relação a nossa visão de língua que a maior parte a própria escola nos impõe ensinar a língua portuguesa por um viés mais estruturalista, mas é preciso silenciar essa voz, acreditar que por esse caminho dialógico da palavra e contrapalavra, na alteridade e no desdobramento de olhares a partir do que está de fora (exotopia), uma visão que outro pode ter de mim que eu não posso ter, é capaz de transformar a relação professor-aluno-aprendizagem. E, desse modo, propiciando oportunidades, no contexto da sala de aula, para que os alunos possam se constituir sujeitos de discurso no mundo e leitores dialógicos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich; VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

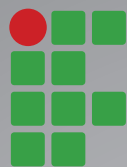
CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GNERRE, Mauricio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários**: uma introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2012.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.





INSTITUTO FEDERAL
ESPÍRITO SANTO
Campus Vitória



PROFLETRAS

